

## Chegou a hora da virada na COP30<sup>1</sup>

Marcelo Bicalho Behar<sup>2</sup>

Ao fechar os trabalhos do G20 com grande sucesso, o presidente Lula disse: “agora vamos organizar a COP30 em Belém. Será a COP da Virada”. E pense em um jogo que anda precisando virar o placar. Desde a também exitosa Conferência da Terra, a primeira de todas as COPs, no Rio, em 1992, as agendas de clima, natureza e uso do solo vêm avançando em ritmo lento e os problemas que elas buscam enfrentar marchando a galope. Emissões, desmatamento e erosão dos solos vêm prejudicando populações e comprometem severamente nosso futuro comum. Decididamente chegou a hora da virada.

Para isso, é necessário armar o jogo para que as três frentes que compõem um encontro desse tamanho joguem bem alinhadas: a negociação diplomática, a agenda de ação do setor privado e a logística. Bola nas costas em uma das frentes embaralha o jogo todo. Uma tática redonda pode marcar os três gols que o mundo precisa. E o Brasil conhece o caminho: fazer o mercado de carbono funcionar, alinhar as agendas de clima e natureza, mudar o rumo do financiamento energético.

Na tática para avançar rumo ao primeiro gol, o do mercado de carbono, existem hoje três dimensões: I) o mercado voluntário (com grandes problemas de métricas e verificação); II) o mercado regulado (estabelecido nos países da União Europeia, no Canadá e na Austrália, com críticas e ganhos nessas geografias e recém-aprovado pelo Congresso brasileiro); e III) o mercado global (que passará a funcionar após a completa regulamentação do art. 6 do Acordo de Paris e emergência do consenso, talvez apenas em décadas). Candido Bracher, ex-presidente do Itaú e pensador das finanças e da sociedade, nos trouxe uma boa ideia nova: a propositura de um mercado comum de carbono. Basicamente um mecanismo para permitir a troca de créditos e projetos àqueles que já têm seus mercados regulados. A quem não tem, imposição de barreira tarifária (chamada CBAM em inglês). Gol de placa. Para o Brasil (que receberá bilhões para apoiar projetos de base de natureza e a transformação para uma agricultura ainda mais eficiente), para a Europa, Canadá e Austrália, que poderão ter projetos de base de natureza para apoiar com custos muito menores e eficiência climática maior a descarbonização e para o mundo, pois coloca logo em marcha um mecanismo que demoraria décadas para obter consenso.

A estratégia do segundo gol começou a ser montada pela diplomacia brasileira em parceria e com forte apoio da sociedade. Durante a sua presidência do G20, o Brasil conseguiu aprovar por consenso os dez princípios da bioeconomia. Eles permitirão o avanço da proteção da natureza e o uso ampliado de biomassa. É o que o Brasil mais

---

<sup>1</sup> Artigo publicado em Valor Econômico. Disponível em:

<https://valor.globo.com/opiniao/coluna/chevou-a-hora-da-virada-na-cop30.ghtml> Acessado em 03.01.2025

<sup>2</sup> Sociólogo e advogado. Foi vice-ministro da Secretária de Assuntos Estratégicos da Presidência da República (2007-2009), vice-presidente de Sustentabilidade da Natura & Co e atualmente é senior advisor para a COP30 do World Business Council for Sustainable Development (WBCSD) e do Conselho Empresarial Brasileiro para o Desenvolvimento Sustentável (CEBDS).

pode oferecer e o que o mundo mais precisa para consolidar os divorciados temas de clima e natureza. Não há como se chegar nem perto das metas de limitação do aumento da temperatura global propostas no Acordo de Paris sem avanço da biodiversidade, e essa não avança se o mundo esquentar muito rápido. Simples assim.

Para tanto, devemos cuidar de cinco posições fundamentais para marcar esse gol: I) conservação (e a proposta do Fundo de Florestas Tropicais para Sempre, com seus U\$ 125 bilhões ajuda a encaminhar bem isso); II) a transição da agricultura (essa é uma agenda que os próprios produtores do agronegócio muitas vezes desconhecem em detalhes, apesar do futuro dos seus ativos depender diretamente dela); III) clareza no avanço de florestas plantadas (entre grandes inovações de base natural a substituição de não renováveis como poliéster pode passar por elas também); IV) a ampliação da promoção da sóciobiodiversidade (agenda positiva com comunidades tradicionais, pequenos produtores agroecológicos e populações nativas que anseiam pela estruturação dessa agenda com ganhos reais a quem protege mais de 80% da biodiversidade do mundo) e, finalmente; V) as novas estratégias de reflorestamento de florestas nativas (que possuem uma capacidade extraordinária de montar um novo campo econômico com a recuperação de áreas degradadas, preservação de espécies e resultando em grandes alavancas climáticas).

Para fechar com goleada, a presidência brasileira precisará encarar o tema do futuro da energia no mundo. A COP28 terminou com o necessário encaminhamento pelo “afastamento dos combustíveis fósseis”. A que terminou agora, em Baku, nem entrou no tema, pois foi jogo jogado em histórica reserva de petróleo, onde inclusive teve início historicamente a exploração de petróleo off-shore. Temos que encarar esse tema de frente e colocar volume de subsídios, datas e caminhos para a substituição. A boa notícia é que o jogo aqui será jogado na matriz energética mais limpa dos grandes países, com ampla experiência em energia hidrelétrica, biocombustíveis e enorme potencial para ser o celeiro do hidrogênio verde do mundo. Se a China se tornou o maior produtor mundial, a Índia se encaminha para se tornar o maior provedor de serviços, o Brasil tem toda a capacidade para disparar como o motor da logística limpa e contribuir para a alimentação sustentável e variada do mundo como nenhum outro país.

E a tática não é apenas desejável, ela é imperativa. Está na hora de nos afastarmos de nossa tradição de composição chocha entre o otimismo cauteloso (até que seria bom) e pessimismo moderado (é a vida, fazer o quê?). Porque somos de longe os maiores beneficiários dessa agenda: virão para cá centenas de bilhões para alavancar um novo modelo de desenvolvimento mais limpo, justo e eficiente. E somos também os maiores prejudicados caso ela não se realize. Não subestime quando grandes cientistas como o único brasileiro vencedor do prêmio Nobel, Carlos Nobre, falam em aumento de 4°C na temperatura global. Ele está falando em uma média. O que significa algo como 0,3°C no norte da Noruega e muitas vezes 10°C no interior do Brasil. Se não corrigirmos já a rota de emissões e ampliarmos rapidamente a retirada de gases de efeito estufa da atmosfera, nós vamos fritar. Literalmente.

Organizando a tática, o caminho para os gols e elevando o ânimo do time, seguimos para uma bonita goleada jogando em casa, com torcida a favor e conhecimento sólido dos muitos problemas que enfrentamos para chegar até aqui. Quando realizamos a primeira COP em 1992 vivíamos em um mundo também complexo, saindo da Guerra Fria, em processo democrático de impasse nacional e ainda sob a ameaça global do buraco na camada de ozônio.

Demorou décadas também, mas soubemos identificar cientificamente qual foi a causa do problema na atmosfera, isolamos os fatores de emissão, organizamos soluções com os países mais inovadores e alavancamos globalmente as soluções a ponto de considerarmos que em mais algumas décadas teremos não apenas parado de gerar o problema, mas restaurado o estado anterior de proteção. Foi uma linda virada. Ao nosso lado dessa vez temos uma maioria global querendo construir saídas e uma diplomacia nacional conhecedora desses mecanismos, disposta a rearticular as conexões propostas quando presidimos a COP em 1992 entre o clima, a natureza e o uso do solo para reverter o revés climático. Temos todas as condições para garantir uma virada histórica.

